

Fotografia e educação: a escola como formadora de leitores críticos da imagem midiática¹

Ana Maria Schultze - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)²

Resumo

Apesar de crianças e jovens possuírem acesso intenso às imagens fotográficas nos meios de comunicação de massa, propiciado inclusive pela escola, não há preocupação, por essa mesma escola, em tornar tais alunos leitores críticos dessas imagens. Relato aqui algumas ações desenvolvidas por mim na escola pública que pretendam satisfazer essa preocupação, ao demonstrar aos alunos como são construídas e elaboradas significações nas fotografias midiáticas, publicitária e fotojornalística especialmente, já que visio uma formação mais sólida de alunos conscientes e críticos, mesmo a partir do ensino fundamental.

Palavras-chave

Fotografia midiática; escola; ensino fundamental; formação crítica de leitores.

¹ Trabalho apresentado ao NP 20 – Fotografia, Comunicação e Cultura, do IV Encontro Nacional dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Mestra em Artes, na área de concentração Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp); especialista em Comunicação e Artes pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; fotógrafa; arte-educadora; professora efetiva de arte da rede municipal de São Paulo; coordena na internet a lista de discussão Arte-Educar sobre arte e seu ensino; pesquisadora do GP Mediação Arte/Público da Unesp e do NP Fotografia, Comunicação e Cultura da Intercom. anita@arte-educar.art.br

Fotografia e educação: a escola como formadora de leitores críticos da imagem midiática

Como professora de arte em escola pública de ensino fundamental na cidade de São Paulo, desenvolvo já há vários anos pesquisas sobre fotografia e educação.

Trabalhando em escola carente, situada na periferia da cidade, sempre lidei com as dificuldades econômicas dos alunos para realizarem sua própria prática fotográfica, o que me motivou a buscar alternativas mais viáveis, como trabalhar com técnicas alternativas de fotografia (de buraco-de-agulha, por exemplo), ou ainda com fotografia preto-e-branco revelada e ampliada na própria escola, com materiais e equipamentos doados por fotógrafos, conhecedores de meu projeto. Porém, além de criar condições para meus alunos fotografarem, existiam outras questões: o que pensavam meus alunos sobre a fotografia? Qual seu entendimento sobre fotografia?

Lidando com um corpo de alunos composto de jovens e adultos, esses últimos do curso de *Educação de Jovens e Adultos* (EJA), preocupava-me o acesso que meus alunos tinham às imagens fotográficas e como as compreendiam, principalmente através do acesso fornecido pelos meios de comunicação de massa e a utilização e abrangência da fotografia em tais meios.

Antes, um breve histórico sobre meus alunos.

Como já dito, meus alunos são jovens e adultos, residentes em um bairro periférico da cidade de São Paulo. Carentes, muito são migrantes de diversas partes do país, situação comum principalmente entre os mais velhos que, vindo para uma cidade grande, acabam indo morar em regiões mais distantes, de aluguéis mais baratos, ou mesmo favelas e similares. Chegam com bagagens variadas: roupas, família, esperança, experiências de vida. Os adultos retornam para a escola tentando obter qualificação para uma chance de melhor emprego. Trabalham o dia todo e à noite vão à escola. Os adolescentes já nasceram na sua maioria na capital de São Paulo, mas seus pais também vêm de todo o país. Esses jovens estudam no período da tarde, contribuindo algumas vezes com o orçamento doméstico ao realizarem pequenos serviços em horário diferente do da escola.

Na escola em questão, apesar da localização geográfica, não há problemas de violência, ao contrário, os alunos mantêm um bom relacionamento com os professores e colegas. É comum o contato com vários ex-alunos, o que permite um acompanhamento

mesmo que impreciso sobre o número de alunos que prosseguem seus estudos no ensino médio, após a saída dessa escola. Sei, então, que são raros os casos de alunos que acessarão uma faculdade. Isso só reforça minha convicção de que a escola, mesmo no ensino fundamental, deve pensar seriamente em preparar seus alunos para uma leitura crítica de imagens midiáticas, que caracteriza um tipo de estudo normalmente realizado no ensino superior, mas o qual poucos alunos meus atingirão.

Pois é esse grupo de alunos que não fotografa por falta de recursos financeiros que percebe a fotografia, conforme seus relatos, como um objeto que faz referência ao passado, que registra uma situação ocorrida em um documento – a cópia fotográfica no papel, sendo que a produção desse objeto-documento se faz por um artefato, a câmera, e o fotógrafo é apenas um operador, ao disparar um botão.

A partir desse entendimento inicial, busco realizar uma alteração conceitual em meus alunos, para que percebam a fotografia não apenas como uma imagem técnica mas como uma elaboração carregada de intencionalidades realizada pelo fotógrafo. Kossoy (2000:34) afirma que “o dado do real, registrado fotograficamente, corresponde a um produto documental elaborado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente: registro/criação.” O fotógrafo não é, então, um mero operador da câmera fotográfica, como crêem meus alunos, mas alguém que interpreta e registra uma dada realidade de acordo com suas próprias referências.

Em relação à fotografia circulante nos meios de comunicação de massa, além da esfera de intenções do fotógrafo, todas as outras instâncias envolvidas na circulação dessa imagem, como editores, veículos, mídias, também atendem seus próprios interesses.

E, finalmente, o público receptor das imagens fotográficas midiáticas também faz leituras pessoais, de acordo com suas referências particulares, já que “a imagem visual não é uma simples representação da realidade e sim um sistema simbólico, desvendado pelo indivíduo que, em função de sua cultura e de sua história pessoal, incorporou modos de representação e potencialidades de leitura que lhe são próprios” (GOMBRICH apud ZANIRATO, 2004:2). Zanirato (idem:39) toma de empréstimo de Vilches (1993) a expressão *biblioteca cognoscitiva* para referir-se ao universo individual de referências, expressão da qual também faço uso no presente artigo por considerá-la ideal para referir-me a esse universo próprio do leitor, no caso meus alunos da escola pública.

Ao propor a alteração conceitual de meus alunos quanto à fotografia, para que considerem-na como uma forma de representação cultural elaborada, surge outra importante questão: qual o diálogo desses mesmos alunos com a imagem fotográfica midiática, a partir de suas bibliotecas cognoscitivas?

É Kellner (1995) que reforça essa minha preocupação, argumentando sobre a necessidade de uma pedagogia crítica pós-moderna, onde se faz necessário “um alfabetismo crítico em relação à mídia e de competências na leitura crítica de imagens” (idem:107), que visa a formação de sujeitos não meros destinatários, mas ativos na recepção de imagens midiáticas, e que se constitui em formas de emancipação e desenvolvimento da cidadania, tão fundamentais para meus alunos.

Para satisfazer essa preocupação, relato aqui algumas ações desenvolvidas por mim na escola pública que pretendam, ao demonstrar aos alunos como são construídas e elaboradas significações nas fotografias midiáticas (publicitária e fotojornalística especificamente), uma ampliação de suas bibliotecas cognoscitivas, propiciando uma formação mais sólida de alunos conscientes e críticos, mesmo a partir do ensino fundamental.

Anúncio *on-line* da Ford (fragmento). 2003. Capturado em <http://www.ford.com.br>. Acesso em: 11 nov.03



Deixe um Ford surpreender você.



5 grandes motivos
para você **escolher** o
Novo Fordfiesta
» clique **aqui**

Vá agora mesmo a um distribuidor Ford fazer um test-drive no Novo Fordfiesta e concorra a um montão de prêmios.



Promoção válida
até 15/12/03

Conheça o regulamento



Anúncio do sabonete Vale quanto pesa. Ilustração. s/d. Capturada em ripp/prpsabonetevqp.GIF. Acesso

Os melhores banhos são os de cascatas, onde a água nunca se acaba...

E os banhos mais deliciosos são tomados com

VALE QUANTO PEZA
o sabonete que também nunca se acaba...

A VENDA EM TODO O BRASIL

SABONETE VALE QUANTO PEZA
GRANDE • BOM • BARATO

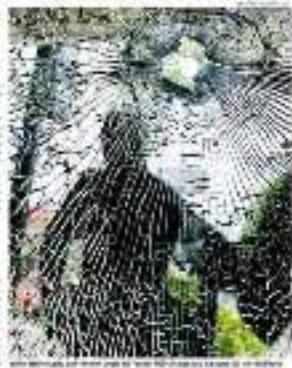


Governo cede e já negocia prorrogar a guerra fiscal

De acordo com fontes do governo, o ministro da Fazenda, Antonio Carlos Dias, já está negociando com os estados a possibilidade de prorrogar a guerra fiscal. O ministro da Fazenda, Antonio Carlos Dias, já está negociando com os estados a possibilidade de prorrogar a guerra fiscal.

Escola de artes e ofícios faz 4 mortos em São Paulo

Uma escola de artes e ofícios em São Paulo sofreu um acidente que resultou em quatro mortes e ferimentos em outros dois alunos. O acidente ocorreu durante uma aula prática de soldagem.



Indústria aérea que insistiu no Bae 70

A indústria aérea brasileira insistiu no modelo Bae 70 durante um longo período de negociações com a Boeing. A decisão foi baseada em fatores técnicos e econômicos.

Jus afastado e réus em novo processo por corrupção

O juiz afastado de um caso de corrupção foi envolvido em um novo processo. Os réus foram acusados de fraude em licitação pública.

Federação faz reunião com deputados

A Federação fez uma reunião com deputados para discutir a agenda legislativa. O encontro abordou temas de interesse nacional e estadual.



M. E. aprova novo plano de trabalho

O Ministério da Educação aprovou um novo plano de trabalho para o próximo ano. O plano prevê mudanças na estrutura curricular e na avaliação dos alunos.

Federação de clubes condena o pet

A Federação de clubes condenou o Partido Petista por suas políticas econômicas. O texto afirma que as medidas adotadas prejudicam a classe média e os trabalhadores.



Uma reportagem complementar sobre o acidente da escola de artes e ofícios, incluindo depoimentos e detalhes do caso.

Indústria quer mais recursos

A indústria quer mais recursos para investir em pesquisa e desenvolvimento. O setor pede doações e incentivos fiscais para estimular a inovação.

Referências bibliográficas

BARROS, Armando Martins de. Educando o olhar: notas sobre o tratamento das imagens como fundamento na formação do pedagogo. In SAMAIN, Etienne (org.) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

BERGER, John et al. *Modos de ver*. Barcelona: Gustavo Gili, [sem data].

_____. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

EGUIZÁBAL, Raúl. *Fotografía publicitaria*. Madri: Cátedra, 2001.

GRIGNON, Claude. Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular. In SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. P. 106-129.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2000.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SAMAIN, Etienne (org.) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SCHULTZE, Ana Maria. Mapas sensíveis: percursos de leituras do mundo através de imagens fotográficas. Dissertação de mestrado. Instituto de Artes da Unesp, São Paulo, 2003.

_____. Possibilidades de leitura da imagem fotográfica na escola fundamental. Anais do I Seminário Internacional de Educação. Cianorte, PR: setembro/2001 - ISSN 1676-0417.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VILCHES, Lorenzo. *Teoria de la imagen periodística*. Barcelona: Paidós, 1993.

ZANIRATO, Silvia Helena. A fotografia de imprensa: modos de ler. In ZANIRATO, Silvia Helena; PELEGRINI, Sandra (orgs.) *As dimensões da imagem: abordagens teóricas e metodológicas*. Maringá, PR: UEM, 2004 (no prelo).